

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA LIBRAS E FORMAÇÃO DOCENTE: REFLEXÕES SOCIOLINGUÍSTICAS PARA A EDUCAÇÃO DE SURDOS

Maria Magda Vieira Trajano Alves ¹

Maria Lidianne de Souza Pereira ²

Aluna Pós-Graduação em Letras – PPGL / Universidade Regional do Cariri (URCA)

E-mail: magdavieira08@outlook.com ¹

Docente Pós-Graduação em Letras- PPGL / Universidade Regional do Cariri (URCA)

E-mail: lidiane.pereira@urca.br ²

1. INTRODUÇÃO

Refletir sobre a língua é reconhecer que se trata de um fenômeno social, histórico e cultural, atravessado pelas interações, relações identitárias e pelo contexto em que os sujeitos estão inseridos, o que resulta no surgimento de variações e mudanças linguísticas ao longo do uso. Compreendê-la apenas como um sistema abstrato de regras implica desconsiderar que ela carrega marcas das experiências sociais e culturais. Nesse sentido, a Sociolinguística rompe com perspectivas normativas e homogêneas ao assumir que a heterogeneidade é característica inerente às línguas naturais, perceptível em diferentes contextos sociais e educacionais.

Dentro dessa perspectiva sociolinguística, observa-se que a Libras foi historicamente marginalizada, relegada à condição de inferioridade frente à língua majoritária e, por muito tempo, considerada apenas como gesticulação, desvinculada do estatuto de língua natural, como se não possuísse estrutura ou regras gramaticais. Entretanto, a mobilização da comunidade Surda impulsionou pesquisas e lutas políticas que contribuíram para sua legitimação enquanto língua natural, reconhecida legalmente no Brasil pela Lei nº 10.436/2002 e regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005, consolidando-se como uma língua viva, em constante processo de uso, variação e desenvolvimento.

Nesse contexto, justifica-se a valorização de pesquisas na área da Sociolinguística, uma vez que, mesmo com o passar do tempo, ainda se observam, no âmbito educacional, preconceitos linguísticos e tentativas de normalização e padronização das línguas. Ampliar o olhar para realidades diversas, reconhecendo e respeitando as variações linguísticas, contribui para fortalecer a produção científica, qualificar o ensino de Libras e valorizar as identidades surdas.

Assim, tem-se como objetivo geral reconhecer a variação linguística na Libras e contribuir para práticas pedagógicas mais sensíveis às realidades linguísticas e culturais da comunidade Surda. Como objetivos específicos, busca-se compreender a Libras enquanto língua natural e socialmente constituída, bem como apresentar as dimensões da variação linguística: diatópica, diastrática, diacrônica e emergente.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, desenvolvido por meio de abordagem bibliográfica e reflexiva. Segundo Gil (2002, p. 34), a pesquisa bibliográfica apresenta vantagens na coleta de dados, pois permite ao investigador “cobrir uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. Nesse sentido, a seleção de autores buscou articular os pressupostos da Sociolinguística aos estudos sobre a Libras, relacionando língua, cultura, movimento, educação e variação linguística. Conforme Creswell (2010), a pesquisa qualitativa possibilita a análise de diferentes formatos de dados, ampliando as estratégias investigativas e orientando os procedimentos adotados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Perspectivas teóricas sobre língua, variação e sociedade

A Linguística, ao longo de seu desenvolvimento histórico, apresentou diferentes abordagens para compreender a linguagem humana. Saussure definiu a língua como objeto científico, concebendo-a como sistema de valores constituído por relações internas e diferenciando-a da fala, entendida como realização individual. Para o autor, a língua é parte social da linguagem e pode ser estudada separadamente (SAUSSURE, 2006, p. 22-23).

Ao concebê-la como fato social, Saussure abriu caminho para compreendê-la como pertencente à coletividade. Contudo, o estruturalismo privilegiou a descrição do sistema em detrimento das práticas sociais, relegando por muito tempo fenômenos como variação e mudança. Em contraposição, a Sociolinguística assume a heterogeneidade como constitutiva das línguas naturais. Labov (1997, s/p. apud SILVA, 2009) defende uma linguística empírica, baseada no que as pessoas realmente falam, rompendo com análises dissociadas do uso social.

Ao transportar essas discussões para as línguas de sinais, observa-se que a Libras, como qualquer língua natural, é atravessada por variação, contato e mudança.

Quadros e Karnopp (2004) destacam sua modalidade visuoespacial e estrutura gramatical própria, evidenciando que não se trata de sistema gestual, mas de língua complexa, dotada de níveis fonológicos, morfológicos e sintáticos. Ainda assim, suas variações e influências sociais são frequentemente invisibilizadas nas salas de aula, perpetuando concepções reducionistas.

Historicamente, a comunidade surda enfrentou políticas excludentes, como o oralismo após o Congresso de Milão (1880), que proibiu as línguas de sinais na educação. Mesmo com abordagens posteriores, a língua permaneceu secundarizada até o reconhecimento legal da Libras no Brasil. Skliar (2016, p. 6) ressalta que a diferença é construída historicamente e socialmente, resultante de conflitos e resistências às assimetrias de poder.

Compreender a Libras sob uma perspectiva sociolinguística implica reconhecer suas múltiplas formas de uso e a legitimidade das variações. Concepções normativas que classificam sinais como “certos” ou “errados”, inclusive em sistemas educacionais, geram preconceito linguístico e insegurança. Luft (1994) adverte que uma visão excessivamente normativa compromete a liberdade de expressão, e Vilhalva (s.d., p. 5) evidencia esse silenciamento ao afirmar: “Minha vontade de contar coisas bonitas ia morrendo... [...] Minhas mãos iam silenciando...”.

3.2 Variação linguística na Libras e implicações para o Ensino

A Libras apresenta diferentes dimensões de variação linguística, refletindo a diversidade sociocultural e histórica da comunidade surda. Conforme Xavier (2010, p. 66-67), a discussão não deve se limitar à comparação de sinais, mas considerar fatores como aquisição, usos sociais, interlocutores proficientes, acesso à educação e a relação dos sujeitos com a Libras e com a Língua Portuguesa, diversificando e ampliando possibilidades metodológicas para os docentes, como trazer encorajamento ao aluno.

À luz da Sociolinguística Variacionista de Labov, a Libras como língua também pode sofrer alterações decorrentes do uso e das práticas sociais, permitindo identificar variações diatópicas, diastráticas e diacrônicas, além do surgimento de línguas de sinais emergentes em contextos específicos, o que evidencia seu caráter dinâmico e histórico. Essas dimensões demonstram que a Libras é uma língua viva e em constante reconstrução.

Como afirma Santos (2016, p. 70), “a quantidade de sinais não está completa e nem fechada”, podendo ser ampliada pela comunidade surda.

Dessa forma, no ensino de Libras, reconhecer a diversidade linguística favorece práticas pedagógicas mais sensíveis às realidades socioculturais da comunidade surda e contribui para a formação docente, evitando a reprodução de modelos normativos que desconsideram variações regionais e sociais. Assim, cabe ao professor desenvolver uma postura crítica e consciente diante da língua, valorizando as variações como parte legítima da identidade surda e do funcionamento natural da Libras.

4. CONCLUSÃO

Diante disso, trazer estudos da Sociolinguística para o âmbito educacional, seja em sala de aula ou em formações docentes, é desvincular-se de concepções antigas e possibilitar que alunos surdos tenham suas identidades respeitadas e compreendidas. Trata-se de ampliar práticas pedagógicas a partir de uma perspectiva social e cultural, trazendo melhorias para a educação de Surdos.

Por ser a Libras uma língua minoritária, muitas vezes é deixada à margem pela comunidade majoritária que não tem contato ou compreensão sobre sua estrutura e funcionamento, sobretudo por não estar habituada a pensar a linguagem em sua modalidade visual. Nesse contexto, deixa-se de perceber que “a grande diversidade de sinais contribui para enriquecer e valorizar a Libras como uma língua, e não para torná-la uma língua individualizada” (CASTRO JÚNIOR, 2014, p. 53). Assim, não se trata de uma língua escondida ou restrita apenas às pessoas surdas, mas de uma língua viva, que perpassa fases, variações e mudanças.

Dessa forma, estudos sociolinguísticos podem colaborar diretamente para práticas pedagógicas mais sensíveis e alinhadas às realidades linguísticas da comunidade surda. Para estudantes e pesquisadores em formação, produzir conhecimento científico sobre a Libras, considerando suas dinâmicas sociais, históricas e culturais, amplia perspectivas sobre o ensino e fortalece sua consolidação como língua viva, dinâmica e em constante transformação. Reconhecer a variação linguística na Libras é, portanto, reconhecer também a história, a cultura e a identidade da comunidade surda, fortalecendo o ensino bilíngue.

PALAVRAS-CHAVE

Sociolinguística; Libras; Variação linguística; Educação de surdos; Identidade surda.

REFERÊNCIAS

CASTRO JÚNIOR, G. de. Projeto Varlibras. 2014. 259f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LABOV, William. Padrões sociolinguísticos. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUFT, Celso Pedro. Língua e liberdade. São Paulo: Ática, 1994.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, Adriana Prado Santana. Língua Brasileira de Sinais – Libras. S.l.: UNIASSELVI, 2016.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Daniel Marra da. Origem e desenvolvimento das ideias linguísticas de William Labov. 2009. 138 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

SKLIAR, Carlos. A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2016.

STROBEL, Karin. Surdos: vestígios não registrados na história. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

VILHALVA, Shirley. Despertar do silêncio. Rio de Janeiro: Arara Azul, s.d.

XAVIER, André Nogueira. Variação fonológica na Libras: um estudo-piloto da alternância no número de articuladores manuais envolvidos na produção dos sinais. In: SEMINÁRIO DE TESES EM ANDAMENTO, 16., 2010, Campinas. Caderno de resumos. Campinas: UNICAMP, 2010. p. 66-67.

